

10-2017

Uma presença espiritana com significado indígena

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Uma presença espiritana com significado indígena. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/120>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

da santidade, para que devemos dirigir todos os nossos cuidados, afim de lhe darmos toda a extensão, intensidade e aperfeiçoamento de que em nós é susceptível, segundo os desígnios da misericórdia de Deus” (Instruções aos Missio-nários, N.D. XIII, p. 413).

Daniel Brottier (1876-1936) que a Igreja já beatificou em 1984, pode deixar-nos a impressão que foram os seus actos heróicos, como capelão nas trincheiras da I guerra mundial, que lhe conferiram o título de santo. No entanto se escutarmos as suas palavras, damo-nos conta que procurou a santidade não no estudo ou esquemas complicados, mas na entrega generosa do dia-a-dia e no cumprimento do seu dever. É ele que nos diz e recomenda: “Não compliqueis a vida espiritual: complicamo-la frequentemente. E, todavia, é uma coisa muito simples. A vida espiritual é feita de pequenas coisas; o cumprimento do nosso dever de estado para agradar a Deus. Deste modo, estamos constantemente unidos a Ele e aperfeiçoamo-nos com a sua graça”. Com esta simplicidade e generosidade Daniel foi um homem do seu tempo mas grande apóstolo dos jovens pobres, com grande capacidade criativa que certamente encontrava na sua vida de comunhão e união com Deus.

Continuemos, por isso, a invocar o Venerável Padre Libermann e o Beato Brottier para que nos ensinem a santidade de vida na situação de vida que vivemos e nos hábitos quotidianos que fazemos.

‘Ação Missionária’, fevereiro de 2015, p. 9.

UMA PRESENÇA ESPIRITANA COM SIGNIFICADO INDÍGENA

“Que língua querem que use? Espanhol ou Náhuatl?” Foi assim que o P. Juventino iniciou aquela celebração. Tinha caminhado com ele e com um seminarista do Gana, em estágio, cerca de uma hora desde o lugar onde deixamos a carrinha até àquele povoado, meio isolado, mas onde inclusivamente há escola e capela. O rio que já teve uma ponte cujas enxurradas levaram há já alguns anos e os vários ranchos de gado bovino em redor, foram isolando aquela povoação pobre, chamada “Pau de Rosa”, de grande maioria pertencente ao povo indígena Náhuatl mas cuja capela está dedicada a Santa Rosa de Lima. A capela cheia já nos esperava para a missa de primeiro aniversário de uma senhora falecida. Por isso o catequista daquela comunidade que só é

visitada de dois em dois meses pelo sacerdote, mas todos os domingos tem celebração da Palavra, respondeu ao P. Juventino que seria melhor falar em espanhol porque havia gente de fora que não conhece a língua nativa e veio só para esta celebração de aniversário. Não se estava a referir a mim, mas ainda bem, porque assim ainda pude acompanhar um pouco a celebração. Se tivesse sido na língua indígena, pois, como se diz: entrava calado e saía mudo.

A celebração eucarística prosseguiu normalmente, com animação de cantos por uma viola e um ou outro bebé chorando também, ao qual as mães respondiam prontamente amamentando-os. Os cães que iam entrando e saindo, pareciam não perturbar ninguém. O muito incenso enchia de fumo toda a capela e fazia até tossir, mas só a mim que não estou tão habituado a tal concentração de tanto fumo, provocado pelo incenso que é oferecido e queimado para simbolizar a presença de Deus e a Sua bênção dos dons oferecidos e dos Seus servidores. Nas comunidades cristãs indígenas o incenso e a água são elementos essenciais e abundantes em qualquer celebração. Tem uma prática tal, concretamente na manutenção do lume aceso, que faria inveja a muitos dos nossos acólitos ou sacristães, meio atrapalhados para acender duas ou três pastilhas de carvão.

Sem muitas palavras e quase com receio, o marido da defunta, no final, convidou todos para almoço, ali mesmo ao lado, num pequeno salão de catequese. Pensei eu que não entraria ali toda a gente, e de facto não entrou. Todos foram ficando no adro, meio em redor, e só entrou no salão um carrinho de mão carregado de grandes folhas de bananeira, seguido por meia dúzia de mulheres e jovens. Não tardou que comesçassem a aparecer, cá fora, pratos já cheios com a comida de festa que ia no carrinho de rodas, o tradicional sacahil, que esteve a cozinhar durante mais de 8 horas, num forno alimentado com fogo por baixo, e que é constituído por milho, carnes várias e picante. Fui dos primeiros a ser servido e não dei parte de fraco, comi e até terminei o que a princípio me parecia demasiado.

Há 43 anos no México

Conto-vos isto para vos falar da presença espiritana no México, sobretudo junto das comunidades indígenas na zona chamada Huasteca Potosina. Foi há 43 anos que os primeiros Espiritanos chegaram a esta parte do país, no Estado de S. Luís Potosi, na diocese da Ciudad de Valles e lhes foi confiado o ministério junto das comunidades indígenas mais pobres, pertencentes aos grupos étnicos Náhuatl e Tének. A missão mãe em Tanlajas, região Tének, assiste o maior número de comunidades cristãs, cerca de 40. A comunidade espiritana é constituída pelo P. Vitor, mexicano, pelo P. Joseph, americano de

origem vietnamita e pelo seminarista em estágio, de nome Clifford, do Gana. Uma comunidade de religiosas colabora na pastoral da juventude e da catequese, para além de administrar uma pequena empresa de purificação de água que vendem depois, a melhor preço, para as comunidades. Em todo o México se vêem estes garrafões de dez litros, de água purificada, que certamente muito tem contribuído para a melhoria da saúde pública. As outras paróquias rurais que ainda hoje estão confiadas a pequenas comunidades de Espiritanos são mais quatro. A paróquia de Santo António com as suas 18 comunidades e que é animada por um Espiritano polaco e um Espiritano nigeriano e onde me falaram bem do P. Tiago Barbosa que aí trabalhou durante vários anos. Alguns ao ouvir-me falar espanhol até diziam que lhes parecia o P. Tiago a falar. Isso deve ter sido a influência que ambos recebemos de Camões... Outra das paróquias com as suas 28 comunidades é a paróquia de Coxcatlan onde os 3 Espiritanos que aí trabalham são originários de Nigéria, México e Gana. A igreja pela sua antiguidade e grandeza é considerada monumento nacional, mas nem por isso merece algum cuidado especial das autoridades do país. Nesta paróquia descobri que em dia de segunda-feira é mesmo feira a valer. O adro da igreja e todas as ruas circundantes ficam completamente apinhadas de feirantes e de clientes, onde se vende alimentos, fruta, roupa, calçado, comida, café, sei lá, até remédio para curar tudo e mais alguma coisa e cujas maravilhas uma ou duas grafonolas não se cansavam de repetir durante todo o dia.... Mas cansaram-me a mim de as ouvir. Aproximei-me para ver mais de perto e qual não é o meu espanto quando vejo que o vendedor está descansado, sentadinho, esperando clientes enquanto o seu “paleio” sai diretamente de uma cassete para o altifalante. Assim é fácil.... Em dia de feira também há quem aproveite para ir conversar com o padre. Por isso é que eles aí estão, todo o dia, disponíveis para o povo e, só poderão sair de carro se, de véspera, o tiverem deixado lá para fora do recinto da feira. O único trânsito permitido é o humano pelos pequenos corredores de tantas bancas de vendedores. As duas restantes paróquias, cada uma com 18 comunidades cristãs, são El Pujal onde trabalha um Espiritano nigeriano e um mexicano, e Pantepec onde vive um Espiritano polaco.

Inculturação do Evangelho

Por esta presença maioritária em paróquias rurais, pobres, em região de povos huastecas, descendentes dos Maias, o grupo Espiritano do México mantém-se fiel às suas origens pela disponibilidade em servir estas comunidades que mais ninguém queria servir e, por outro lado, manifesta o seu empenho na chamada pastoral indígena que procura conhecer melhor as cul-

turas próprias dos povos para depois encontrar melhor forma de nela ajudar a incarnar a semente do Evangelho. É o que se pode chamar de inculturação e que exige bastante aos missionários no sentido de um desenraizamento da sua própria cultura que facilite um novo enraizamento neste meio onde a natureza é tão viçosa, pujante e cheia de força que enche de verde as encostas após encostas por onde se escondem as humildes casas dos seus habitantes. No respeito pela cultura há uma grande valorização das lideranças locais que se reflete depois no grande número de ministérios laicais ao serviço da Igreja em cada comunidade: coordenador ou mordomo, catequistas, ministros da comunhão, cantores, etc. muitos dos quais dedicam praticamente todo o domingo ao serviço da Igreja em celebrações e reuniões centrais de coordenação com os missionários, que exigem deslocções ou grandes caminhadas a pé. Há muita entrega e doação de numerosos leigos que não deixa de ser um apelo até para os próprios missionários idos de outras terras. Os missionários vão para evangelizar mas também se deixam evangelizar...

Junto dos mais frágeis

“Olá Padre. Vou levar hoje o meu filho do hospital e quero trazê-lo aqui para dar graças a Deus consigo, porque você foi visitá-lo quando estava muito doente, e agora está bom”. Foi assim que um jovem pai, na cidade de Tampico, se dirigiu ao P. Roland, que visita regularmente os doentes num dos hospitais mais pobres, ao qual acorrem sobretudo pessoas das comunidades do interior. Naquele hospital não há capelão, oficialmente. Os Espiritanos, atentos às necessidades dos doentes e das suas famílias, visitam-nos e transmitem-lhes assim a força do Espírito de Deus que cura e que salva. Nas grandes cidades a insegurança é grande e os perigos também. Por isso é frequente, quer na paróquia espiritana de Tampico quer nas duas comunidades cristãs que assistimos na megacidade de México Capital, onde trabalha o nosso colega português P. João David, que as pessoas nos procurem para visitarmos as suas casas e com elas rezar, para celebrarmos eucaristia pelas suas intenções, para abençoarmos imagens, carros e água que lhes faz sentir melhor a proteção de Deus num ambiente tão inseguro e por vezes até hostil.

Grupo internacional

O grupo Espiritano de México é pequeno, com 17 membros, mas originários de 7 nacionalidades: 5 de México; 6 de Nigéria, 2 de Polónia, 1 de Portugal, 1 da ilha da Trindade, 1 do Canadá, 1 dos EUA. Tendo sido fundados em 1971 por Espiritanos americanos, receberam depois disso muitos outros

provenientes de vários países. Foi sempre uma comunidade muito internacional, testemunhando a riqueza e diversidade do carisma Espiritano, e que tem procurado acolher e fomentar as vocações locais para o serviço da missão espiritana no mundo. Já vários mexicanos estiveram em missão em Paraguay, Porto Rico, República Dominicana, Kenya e Moçambique.

Em finais de Abril 2015 o Grupo vai realizar o seu II Capítulo para renovar o seu entusiasmo missionário e reafirmar as suas prioridades missionárias da formação e animação da juventude, da pastoral junto das comunidades indígenas e da necessidade de continuar a lutar por uma certa auto-suficiência que se torna particularmente difícil quando se trabalha com comunidades pobres.

Nas várias casas, igrejas, capelas, há muitos sinais da presença espiritana: tanto em posters dos fundadores Cláudio Poullart des Places e Venerável Francisco Libermann, estendidos nas paredes, como em nomes de benfeitores da família espiritana. Oxalá a inspiração dos primeiros e o apoio dos segundos continuem a ser um contributo importante para que o grupo Espiritano do México cresça e a sua missão neste imenso país seja significativa e interpeladora.

‘Ação Missionária, março de 2015, pp. 6-7.

ESPIRITANOS, 150 ANOS PÁSCOA EM ANGOLA

Os Espiritanos chegaram a Angola há 150 anos e deixaram muitas marcas. Fundaram Comunidades, construíram Igrejas, Escolas, Centros de Saúde, Oficinas. Trabalharam e ensinaram a cultivar os campos. Falaram de Deus às pessoas e batizaram, crismaram, casaram muita gente ao longo de um século e meio de Missão. A guerra destruiu muito, mas os tempos são de reconstrução de estruturas e de corações. Ontem como hoje, os Espiritanos estão em Angola para fazer dela um país marcado pelos valores gravados nas páginas dos Evangelhos. O P. José Manuel Sabença, assistente Geral dos Espiritanos conta a Páscoa que viveu ao ritmo de um jubileu.

Bailundo

Quinta-feira santa. Estava no Bailundo, Angola. Aqui e ali havia uns arbustos com flores vermelhas. Mais adiante uma grande cruz. Aproximei-